

OS ÉBRIOS

Um amigo de São Paulo me manda um pequeno estudo — "O alcoolismo crônico entre os servidores municipais de São Paulo", separata dos "Arquivos Médicos Municipais", e assinado pelos drs. Savoy Fortes, Zioni e Chain. São todos médicos da Clínica Neuropsiquiátrica do Hospital Municipal, e responsáveis pelo Serviço Anti-Alcoólico, fundado em setembro de 1932.

Esses homens entenderam de encarar com mais humanidade e espírito científico o caso dos servidores municipais que são ébrios contumazes. A lei municipal trata a embriaguez como um crime: "Será aplicada a pena de demissão a bem do serviço público ao funcionário que: 1) fôr convencido de incontinência pública e escandalosa, de vícios de jogos proibidos, de embriaguez habitual".

O rigor da lei — assinalam os médicos — tem sido atenuado pelo sentimentalismo e solidariedade humana dos chefes imediatos e mediatos. A esses funcionários se deve a criação do Serviço Anti-Alcoólico (SAA), milagroso, admirável exemplo de desrespeito frontal à lei, porque se destina a tratar, à custa dos cofres municipais, daqueles que a lei manda expressamente demitir a bem do serviço público...

A Prefeitura de São Paulo tem cerca de 20.000 servidores, dos quais 6.000 são funcionários e 14.000 operários. No espaço de 1 ano e 9 meses foram resolvidos ao SAA 190 etilistas. Praticamente 1 por cento dos servidores municipais são assim bêbados extremados, sofrendo do que os médicos chamam "alcoolismo crônico severo", sujeitos que são levados ao SAA em estado de embriaguez, com tremores generalizados, inapetência, indisposição geral, excitação psico-motora, desnutridos e geralmente imundos.

O tratamento médico e psicoterápico é lento; a certa altura são promovidas reuniões em que os pacientes discutem entre si sobre o alcoolismo, verdadeiras sessões de debates que provaram ser muito mais eficientes do que preleções de moral e higiene. Essa psicoterapia de grupo (a individual seria muito longa e caríssima) tem dado, dizem os médicos, muito bons resultados.

Há, nesse pequeno e admirável relatório, um detalhe impressionante. Dos 190 internados, 27 são funcionários e 163 operários. Dêstes últimos, 51 por cento trabalham na limpeza pública. São assim os operários mais pobres, aduêles que fazem o serviço mais humilde e desagradável os que mais facilmente se transformam em bêbados. É sobretudo o lixeiro, geralmente analfabeto, geralmente casado e com muitos filhos, sem esperança de melhoria, sem recursos para dar a si mesmo e aos seus um mínimo de decência — é esse pobre diabo que foge da realidade mergulhando na cachaca. Ele se sente explorado e desprezado, ele se sente menos lixeiro do que lixo. Sua família desagrega-se, desmoralizada...

É consolador saber que dos 190 doentes 118 já foram recuperados. Os médicos do SAA pedem uma legislação mais humana e recursos maiores para cumprir sua tarefa. Esses médicos da Prefeitura de São Paulo dão um grande exemplo salvando homens e famílias que o Poder Público até agora condenava à mais completa degradação.

Agradeço sinceramente ao leitor que me deu oportunidade de conhecer e divulgar o trabalho desses médicos. Essas coisas é que fazem a gente ficar menos desanimada do Brasil.

R. B.

16/1/55